

Países endividados pedem mais diálogo

Buenos Aires — Os onze países latino-americanos mais endividados falarão a partir de terça-feira, na cidade argentina de Mar Del Plata, da necessidade imperiosa de um diálogo acessível com os industrializados credores e a tão temida e sempre descartada "frente comum" voltará a agitar-se. Durante quatro dias, os chanceleres e ministros da Fazenda de 11 nações, que acumulam quase 350 bilhões de dólares do total de 800 bilhões da dívida do mundo em desenvolvimento, advogarão por um intercâmbio "direto e político" fora dos organismos técnicos internacionais.

Técnicos dos onze países, reunidos há três semanas na Argentina, já acertaram um princípio de estratégia para aproximação "no maior nível político possível", com os industrializados, pois "o grave problema deve ser compreendido tanto pelos credores como pelos devedores dentro de um marco político e não estritamente técnico. Há dias, fontes da chancelaria brasileira disseram que "não procuramos uma negociação com os governos dos países credores e menos ainda os seus favores. O que queremos é o estabelecimento de um diálogo sobre os aspectos gerais da dívida".

Brasil, México, Argentina e Venezuela, são responsáveis por 80 por cento da dívida latino-americana. O consenso generalizado é de pagá-las. Mas, há coincidência para encontrar o como, pois deve ser facilitado o caminho aos países em profunda recessão, grandes e pequenos, cujo aquecimento econômico está comprometido a curto prazo. Mantém-se assim o espírito da declaração de Cartagena de junho, na qual os onze países descartaram a formação de um cartel de devedores, evitaram a moratória, repeliram a negociação coletiva da dívida e até aceitaram certos ajustes em suas economias. E mais — salientaram os analistas — os devedores admitiram até as negociações bilaterais entre governos e organismos financeiros e bancários, mas pedem, no mínimo, nessa espécie de diálogo político, contatos fluidos entre os governos das partes envolvidas para aliviar o serviço da dívida e facilitar a sua renegociação.

Em Mar Del Plata será revista a marcha da declaração de Cartagena e seus enunciados, diante da série de reuniões internacionais de credores que acontecerão até o final do mês em diversos países. As altas taxas de juros, e sua periódica modificação com maiores dificuldades para os devedores, os déficits fiscais dos países em desenvolvimento, o crescimento do endividamento público destas nações com redução paralela do crescimento econômico, serão alvos da atenção dos ministros em Mar Del Plata, enquanto as nações industrializadas e os seus organismos de crédito, que dia a dia vêm como os devedores atrasam ou procuram refinanciar os seus pagamentos, estarão atentas ao que acontecer no sul da Argentina.